

Tecnologia como expressão coletiva: a apropriação no cotidiano da Feira Central de Ceilândia

Nathalia Feitosa Barbosa

Universidade de Brasília, UnB

<https://lattes.cnpq.br/3094561651690519>

feitosanathalia@gmail.com

Daniela Fávaro Garrossini

Universidade de Brasília, UnB

<http://lattes.cnpq.br/4887266557816573>

daniela.garrossini@gmail.com

Resumo

O presente trabalho surge a partir da dissertação de mestrado da autora, que busca refletir sobre a relação entre design, tecnologia e desenvolvimento local, a partir do caso da Feira Central de Ceilândia, no Distrito Federal. Ao compreendermos a feira popular como uma rede complexa de saberes e práticas, que adapta e produz mecanismos próprios para garantir sua sobrevivência, esta pesquisa examina como as mediações tecnológicas atuam na manutenção do ecossistema social, econômico e cultural da feira. O artigo se estrutura com base em pesquisa de campo, por meio de observação direta e análise das práticas cotidianas, revelando como essas ações contribuem para a construção de uma identidade popular coletiva, forjada na resistência e na criação partilhada do território.

Palavras-chave

Feira popular, Design e mediações, Tecnologia Social.

Technology as a social foundation: Everyday appropriation at the Ceilândia Central Popular Market.

Abstract

This work stems from the author's master's research, which seeks to reflect on the relationship between design, technology, and local development, based on the case of the Central Market of Ceilândia, in the Federal District of Brazil. By understanding the popular market as a complex network of knowledge and practices that adapts and creates its own mechanisms to ensure its survival, this research examines how technological mediations contribute to sustaining the market's social, economic, and cultural ecosystem. The article is structured through field research, including direct observation and analysis of everyday practices, revealing how these actions contribute to the construction of a collective popular identity, forged through resistance and the shared creation of territory.

Keywords

Popular Market, Design and Mediations, Social Technology

1 Introdução

A relação entre o ser humano e a tecnologia começa por sua relação com a técnica, que desde tempos imemoriais, tem sido uma parte essencial da experiência humana. Na concepção de Santos (2003) “a técnica, ela própria, é um meio” uma forma de mediação na qual o homem realiza sua vida, produz e cria espaço. Latour (2019) complementa esse pensamento com a visão de que o “técnico” não designa em primeiro lugar um objeto, um resultado, mas um movimento que se extrai no inerte e vivo, como o corpo do artesão que todos os dias se torna mais habilidoso.

Através da técnica, podemos interpretar noções a respeito das condições materiais e culturais de uma sociedade, como também sobre as estruturas sociais, econômicas e políticas que envolvem o contexto em questão, funcionando como um catálogo de métodos de produção desenvolvidos por uma comunidade de uma forma identitária. Para Sennet (2015) o entendimento técnico se desenvolve através da força da imaginação, como uma via de mão dupla entre a ideia e a prática. Sendo conveniente assumir que a tecnologia que determinado grupo social constrói, vem de seus próprios meios de inventividade, criatividade e anseios por inovação.

Como dito por Escobar (2016) “toda tecnologia emerge de condições culturais particulares, ao mesmo tempo em que contribui para a criação de novas condições culturais.” A necessidade de redefinir o uso e a função dos bens de consumo, algo que ecoa o contexto urbano, promove o surgimento de práticas culturais diversas, o que como observa Alves (2004) nos possibilita entender a relação íntima e formadora que temos de nós mesmos com as tecnologias:

[...] vamos obtendo uma importante contribuição para compreender que a tecnologia não só é mediação com o mundo e com os outros, mas funciona para nós como possibilidade de entendimento dele, através de crenças [valores?] interiorizados no contato com ela. (ALVES, 2004).

Enquanto designers, passamos a compreender que operamos em um mundo no qual a complexidade se dá na manifestação da vida cotidiana, onde tudo é solidário, sistêmico e multidimensional (MORIN, 2015). O próprio processo de design estrutura-se em um sistema cognitivo humano complexo, criando e comunicando produtos, sistemas, soluções e informações, muitas vezes mediadas por novas tecnologias. Além de ouvir, o designer deve se dispor a compreender verdadeiramente o contexto. Freire (1987) denota que “quando o conhecimento não vem da realidade do sujeito, não vale nada.” Trata-se não só de ter como prática empenhar-se a assimilar os sentimentos e necessidades, mas sobretudo considerarmos as suas experiências, caminhos vividos e contextos sociais que compõem seus repertórios de vida.

A imaginação das massas (GAUDIN, 1978 apud SANTOS, 2003) é um exemplo de como criação e inventividade se alinham para solucionar problemas cotidianos, por quem vive, produz e utiliza o lugar. Esta imaginação se manifesta na invenção de objetos da vida cotidiana, uma adaptação

criadora à existência. Já que não dispõem dos meios para ter acesso à modernidade material contemporânea ocasiona-se uma experiência de escassez que conduz esses atores, que estão fora do círculo da racionalidade hegemônica, à busca de formas alternativas de racionalidade indispensáveis à sua sobrevivência.

Quando falamos da Feira Central de Ceilândia no Distrito Federal (DF) (Figuras 1 e 2), é uma das grandes feiras populares permanentes existentes no DF que se tornaram pontos de referência por demarcar identidades. A mesma pode ser vista como um retrato de vivacidade e criatividade da Região Administrativa (RA)¹ que a abriga, Seja em relação à sobrevivência no que concerne ao risco à fome e ao desemprego, seja pelas atividades dos feirantes, desempenhadas ali se constituírem enquanto fonte de renda.



Figura 1: Registros da Feira Central de Ceilândia (1)
Fonte: Autoral (2023).

Instaurada no espaço público pela mobilização principalmente dos migrantes, a feira de Ceilândia considerada permanente desde 1972, de acordo com documento do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) produzido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) assinado por Madeira (2007), é considerada ponto de referência forte da cultura nordestina no centro-oeste, o que demonstra que ela não é puro lugar de comércio. Nela criou-se um espaço público plural, congregando pessoas, múltiplas atividades e cultura, funcionando também como um espaço de sobrevivência da memória e de recepção do que é novo, uma vez que o espaço é carregado de valores histórico-culturais que são atualizados cotidianamente.

¹ De acordo com o Governo do Distrito Federal (2022) “Diferentemente dos estados do país, Brasília não é dividida em cidades e bairros, portanto não há prefeituras [...] o DF é composto por 35 Regiões Administrativas (RAs) oficialmente constituídas como dependentes do Governo do Distrito Federal. Cada uma tem outras mil faces e reproduzem a essência da diversidade brasileira.”



Figura 2: Registros da Feira Central de Ceilândia (2)
Fonte: Autoral (2023)

Interessante é que, mesmo diante das vivências que relembram o passado do lugar, reside um processo que não se esgota, onde novos modos de fazer são inventados e insumos são substituídos. O design, como área de estudo, vem promovendo constantes reflexões sobre as configurações das soluções presentes nas rotinas sociais. Levando em consideração a contínua transformação e desenvolvimento desses espaços, em função do aumento da condição participativa social e nos interessa assimilar a participação de todos no “fazer” do design (Manzini, 2017), que, em entre táticas e insurgências, determina a sua própria identidade e o seu próprio projeto de vida.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar como as tecnologias sociais são apropriadas e ressignificadas no cotidiano da Feira Central de Ceilândia, entendida como um espaço híbrido de resistência e inovação cultural. A partir da observação das práticas e dinâmicas locais, busca-se compreender como os feirantes, por meio de seus saberes, articulações e estratégias cotidianas, produzem e adaptam tecnologias de maneira situada, moldadas pelas necessidades, desafios e valores do território em que atuam.

Entendendo que a questão que orienta esta investigação é: como as práticas dos feirantes revelam modos próprios de produzir e adaptar tecnologias no contexto popular urbano. A pesquisa foi conduzida por meio de abordagem qualitativa, utilizando como principal técnica a observação direta não participante realizada entre os anos de 2023 e 2024 na Feira Central de Ceilândia. Foram realizados registros fotográficos, anotações de campo e análise descritiva das práticas cotidianas observadas. A investigação teve caráter etnográfico, buscando compreender o modo como os sujeitos interagem com os artefatos e tecnologias presentes no ambiente da feira, privilegiando uma leitura situada e culturalmente ancorada.

Ao explorar esses aspectos, o estudo propõe refletir sobre como tais práticas não apenas garantem a continuidade e a vitalidade do espaço da feira, mas também expressam formas de afirmação e construção da identidade popular, evidenciando um saber-fazer coletivo que resiste à homogeneização cultural e reafirma o pertencimento ao território

3 A Memória como Fundamento da Identidade Coletiva em Ceilândia

A relação entre cultura e identidade são de grande afinidade. Para Valsiner (1998 apud PALMIERI, 2004) a cultura coletiva representa os significados compartilhados pelos grupos de referência dos quais o sujeito participa, influenciando e sendo influenciado inclusive pelas práticas de vida cotidiana. Ao falarmos então do encadeamento envolvendo uma cidade e a participação de seus sujeitos e comunidades, estamos falando também de identidade territorial e coletiva, que se é traçada ao longo da história de um lugar.

Na perspectiva do espaço, De Certeau (2014) discute que são as atividades praticadas que qualificam o lugar e Campelo (2010) complementa essa ideia, apontando que é a partir dessas práticas que surgem tanto a construção de sociabilidades, como a de memórias espaciais, assumidas e partilhadas coletivamente. Esses aspectos determinantes se fundam no compartilhamento de espaços, tempos e tipos de atividade, que Ranciere (2009) denomina de “partilha do sensível”.

Quando focalizamos o mundo subjetivo da pessoa, a partir das relações que ela estabelece com o mundo externo, culturalmente mediado (Palmieri e Branco, 2004), indivíduos e grupos passam a compartilhar valores, histórias e normas, criando assim uma linguagem estruturada no texto da cidade, formado por seus cidadãos e sua relação com o mundo.

Ao falarmos então desses conceitos, lidamos com a questão de herança cultural e memória, mas também com questões de transformações e aprendizados constantes na construção da identidade de um povo. A cultura popular tem raízes, as que se carregam consigo e as que são criadas no território em que se radicou. Esse processo simboliza as relações que são constituídas, levando em consideração as alternativas encontradas em seu entorno, encarando o futuro sem desvincular o lugar, obtendo continuidade através da mudança (SANTOS, 2003).

Sabendo que as práticas espaciais estão diretamente ligadas às habilidades dos atores sociais, a Ceilândia expressa suas raízes culturais por meio de festas tradicionais, movimentos e pontos tradicionais de cultura. As manifestações que ali se fixaram, desde a transferência da capital, se fazem presentes na rotina da cidade como herança cultural em uma representação significativa que percebe os acontecimentos do passado com o objetivo de proporcionar identidade aos sujeitos.

Conhecida como a capital Nordestina no DF por possuir peculiaridades e características da região, como instituições e expressões relativas à cultura, artes e conhecimentos. Hoje, é uma cidade plural que articula múltiplas temporalidades e diferentes narrativas entre presente, passado e futuro. Visando o tempo presente como uma intersecção: a representar o passado, mas em uma transição dinâmica onde as formas mudam, paradoxalmente, para manter o seu próprio desenvolvimento.

A construção da identidade cultural da Ceilândia passa por um processo contínuo que não se esgota, no qual a difusão cultural amplia os significados e valores da cidade (GONÇALVES, 2018). A partir do fazer cultural, encontraram alternativas de trabalho, vida e inserção social, que possibilitou à toda uma região o desenvolvimento de uma vinculação que tem se aproximado mais de uma posição de autonomia do que de dependência. Esse contexto nos ocasiona a pensar neste cenário para além de uma questão econômica, mas também, como uma questão identitária.

Estabelecida enquanto referência cultural, a história da Ceilândia fica incompleta sem falar de feira, são indissociáveis, dividem corpo e alma. À medida que absorve e compõe movimentações e trajetos realizados por inúmeras pessoas, a feira representa um desses espaços que podem ser definidos como “lugares referenciais” que segundo Pellegrino (2002) circulam entre o presente e o passado, e representam um sentido de continuidade, referenciando como um “passado no presente” e importantes na questão relativa ao pertencimento.

4 Do Hibridismo Cultural ao Tecnológico: A Convergência de Saberes e Práticas

Partindo de questões contemporâneas, é interessante assimilar como essa dinâmica busca articular e traduzir as novas tecnologias em espaços como o da feira, que se qualifica por ser um ambiente agregador, pulsante de vida e expressão da cultura popular, que se manifesta através de uma multiplicidade de objetos, técnicas e dispositivos heterogêneos. Dedicando cada vez mais atenção aos processos de modos de fazer por meio de astúcias sociais, interação, troca e hibridização cultural.

Segundo Canclini (2013), hibridação refere-se a processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas distintas, anteriormente separadas, se amalgamam para criar novas estruturas, objetos e práticas. Esse hibridismo cultural influencia diretamente produções e técnicas e induz ao que podemos chamar de “hibridismo tecnológico”², termo que iremos utilizar aqui para descrever tecnologias que surgem da intersecção de outras tecnologias. Essa definição representa os ajustes e adaptações contínuas das partes que atuam na interação entre as combinações que surgem, em resposta às condições mutáveis em que elas operam, consequência das relações complexas entre o hegemônico, e o subalterno, o incluído e o excluído.

Entendendo que toda inovação é uma espécie de adaptação, no contexto de setores populares, Sarlo (1992) acredita que o imaginário tecnológico desperta uma reorganização dos conhecimentos e desenvolvimento de novas formas de uso, que ainda quando se modernizam se diferem, na prática da incorporação da tecnologia no cotidiano. A tecnologia social nada mais é do que a construção de métodos e formas de utilizar uma técnica aplicada a um objetivo voltado para a sociedade:

Os usuários não se contentam em se submeter à técnica. [...] São eles que, pelas práticas que eles vão progressivamente desenvolver e afinar, determinarão, no final das contas, a incidência efetiva das novas tecnologias sobre a transformação de suas vidas quotidianas. Existe aí um processo de reapropriação mais ou menos consciente das técnicas que o público nem concebeu, nem explicitamente desejou. (MERCIER, 1984 apud LEMOS, 2002).

Abrem espaço para a cooptação e promovem a mescla cultural, ignorando o fato de que isso não deixa de ser uma imposição a que não se tem forças de resistir. De acordo com Bouffleur (2006), este modo de aprimoramento técnico pode ser classificado também como:

“tecnologia alternativa (DICKSON, 1974 apud BONSIEPE, 1992), tecnologia intermediária (SCHUMACHER, 1973), tecnologia apropriada (BONSIEPE, 1983), tecnologia endógena (THIOLLENT, 1994 apud SOARES, 1999), tecnologia popular (ROCHA, 1996), e tecnologia adaptada (GUIMARÃES, 1996 apud SOARES, 1999)” (BOUFFLEUR, 2006).

Por isso, situamos a questão tecnológica para o lugar onde ela é produzida e significada cotidianamente, ou seja, nas práticas, experiências e sensibilidades da vida vivida e não daquela idealizada. Ali, onde pessoas, artefatos e outros seres são cruzados e coproduzidos com e pelas tecnologias, como no espaço da feira que articula múltiplas temporalidades e diferentes narrativas entre presente, passado e futuro, o que só por isso já a torna híbrida.

Sennet (2015) argumenta que há um equívoco ao supor que, em geral, comunidades artesanais tradicionais mantêm suas habilidades técnicas de maneira inflexível ao longo das gerações. Ao se

² Na compreensão de hibridismo, os seres humanos vêm utilizando diferentes tecnologias em seu cotidiano, compondo e recompondo o que Backes (2011, 2013) veio a chamar de hibridismo tecnológico digital. Nos inspiramos nessa ideia, mas acreditamos que delimitar as particularidades do contexto que estamos estudando à categoria de “digital” seria insuficiente, por tanto, nos utilizamos da expressão subtraindo este termo.

adaptarem a novas condições, as mesmas demonstram a astúcia ao equilibrar práticas antigas com elementos contemporâneos, evidenciando a coexistência entre técnicas, materiais, tendências e acessos.

As práticas cotidianas da feira atualizam e reconfiguram heranças técnicas, demonstrando sua vitalidade e capacidade de adaptação às novas exigências culturais e tecnológicas. Ramos (2024) expõe atentamente que apesar de ser vista como anacrônica, a feira se faz presente e atualizada. Surgem novos produtos, materiais que compõem as bancas, máquinas que auxiliam os ofícios entre outros objetos, ainda que não sejam de última geração.

Ainda assim, a resistência e persistência da feira a exemplifica como forma social que insiste em não desaparecer, pois busca englobar alterações e reformulações da cultura ocorridas por meio do tempo. De Certeau (2014) chama isso de tática, e a vê como uma maneira de usar o sistema do imposto, através de um modo de agir que contorna a desigualdade social utilizando de sabedoria e estratégia. Velho (2009), fala ainda sobre o jogo da permanência e da mudança, em um potencial de metamorfose onde as transformações se dão juntamente com a manutenção do repertório sociocultural. Um modo em que habita a coexistência entre o retrospectivo e o prospectivo do lugar.

Ao longo do tempo, o Distrito Federal agregou memórias, técnicas, artes, de muitas regiões do Brasil. Brito (2007) atenta que a memória e a prática do passado tendem a ceder lugar a uma nova forma de interpretar a cidade e o cotidiano. O novo território e a nova cultura com que depara o recém-chegado o transformam. Se integram com os demais moradores, os fazendo perceber a necessidade de se solidarizar, de compartilhar suas angústias e suas esperanças. Na Feira Central de Ceilândia, essas mudanças refletem não apenas a diversificação dos produtos comercializados, mas também a adaptação das práticas comerciais e o surgimento de novas tendências culturais e econômicas:

A criatividade com que os habitantes trabalham seus referentes culturais, na tentativa de se equiparar aos modelos globalizados, remonta a análises presentes na América Latina cujo limiar interpretativo aponta para um tipo de modernização hibridizada, pontuada pela bricolagem e a invenção. Mas por outro lado, demonstra a força e a determinação da população em conquistar um espaço digno para se viver, característico nas comunidades do DF e entorno. (LUCAS, 2007).



Figura 3: Registros da Passagem do Tempo e Mudanças da Feira Central de Ceilândia
Fonte: Autoral (2024)

Nota-se que o esforço para preservar suas raízes não se limita à manutenção de tradições e identidade, mas também se estende ao desejo de se firmar no presente, para garantir o crescimento e a continuidade no futuro. Isso se manifesta na busca por melhorias nas condições do ambiente habitado, assim como na disposição para absorver novos conhecimentos e influências. Tendo entendido a feira como resultante de interações de seus sujeitos e como um espaço vivo, complexo e mutável, percebe-se que é preciso interessar-se não necessariamente pelos produtos oferecidos enquanto mercadoria, mas pelas operações de seus usuários nos modos de proceder da vida cotidiana.

Buscamos entender então o relacionamento, desencadeado pela astúcia das habilidades do feirante, que se apropriam do espaço organizado e constituem maneiras de fazer a partir das possibilidades dispostas, articulando tecnologias com técnicas advindas da criatividade, imaginação e bricolagem.

5 Tecnologia como Estratégia Popular: A Construção e Permanência dos Espaços

As atuais mutações do trabalho, sob o impacto da reestruturação produtiva em tempos de revolução tecnológica e globalização da economia, nos disciplina a enxergar tecnologia apenas por um viés hegemônico. Acabamos assim, perdendo a capacidade de perceber e até mesmo admitir todas as outras lógicas possíveis e existentes que não contam com uma racionalidade a qual fomos ensinados a perceber como tecnologia. Uma espécie de marginalização de tecnologias difundidas, pela reapropriação de objetos, que são quase invisíveis, mas fundamentais.

Essas táticas, como são menos luminosas que as tão iluminadas produções das estratégias e como não fazem tanto barulho quanto elas, são pouco vistas e quase nada ouvidas, pelas lentes e pelos aparelhos de ouvir, ver e sentir com que as próprias estratégias nos habituaram. (ALVES, 2004).

Cardoso (2012) argumenta que a maneira como o ser humano pensa está sempre vinculada às linguagens disponíveis, as quais são moldadas pelo histórico de atividades anteriores nesse campo. As tecnologias sociais da feira não são sempre materiais nem tão pouco fixas, aliás, serão sempre diferentes. Inversões discretas, criadas constantemente, combinando possibilidades e fazendo surgir inúmeras alternativas. Sua existência é preciso aprender a identificar a partir da observação do trabalho diário dos feirantes que, por suas astúcias adquiridas com o passar dos anos, desenvolvem modos de fazer únicos que só fazem sentido no local por serem feitas por quem o pratica e o utiliza, como as invenções identificadas em nossos registros (Figura 4).



Figura 4: Tecnologias de Feira (1)

Fonte: Autoral (2024)

Embora o termo “tecnologias de feira” possa sugerir uma uniformidade nas práticas associadas a esses elementos, é crucial reconhecer que tanto os métodos empregados quanto os resultados obtidos são heterogêneos. Consoante às observações de De Certeau (2014), essas práticas são fundamentadas por uma “maneira de pensar investida numa maneira de agir”, que se desenvolve através da capacidade de combinar e utilizar elementos de forma integrada. O autor ainda destaca a importância de resistir ao esquecimento e nos esforçamos para enxergar e reconhecer essas tantas práticas que surgem enquanto se inventa o cotidiano.

Visitar uma feira prestando bastante atenção é poder deparar-se com uma ampla gama de manifestações tecnológicas e culturais. Observam-se sacolas plásticas suspensas, penduradas em arames, calculadoras fixadas com barbantes, cartazes manuscritos em contraste com banners impressos e até mesmo painéis digitais, máquinas de cartões de crédito e códigos QR (Figura 5). Esses elementos representam tecnologias marginais, que coexistem com a combinação e modificação de processos e materiais pré-existentes.



Figura 5: Tecnologias de Feira (2)

Fonte: Autoral (2024)

Numa feira uma bacia nunca é só uma bacia, um isopor nunca é só um isopor. Objetos comuns, como os mencionados anteriormente, assumem múltiplas funções na feira, evidenciando o processo de ressignificação dos artefatos conforme as necessidades práticas e simbólicas do cotidiano. A partir de materiais como estes, se desdobram inúmeras outras formas e objetos. Até mesmo suportes atrelados ao digital e ao moderno podem ser transformados no contexto da feira: sua escolha de uso e função, passam por um processo de significação que são ajustados e adaptados conforme as necessidades que surgem no cotidiano do local. Afinal, os artefatos também são reflexos das subjetividades dos indivíduos, como explicita Cardoso:

Sem um sujeito capaz de atribuir significado, o objeto não quer dizer nada; ele apenas é. A apreensão de todos os fatores citados deriva da relação entre usuários e artefatos, numa troca de informações e atribuições que se processa de modo contínuo. Em última instância, é a comunidade que determina o que o artefato quer dizer. (CARDOSO, 2012).

Ao exercitar as capacidades de designer e pesquisadora nesse espaço, o que se percebe na verdade é que dificilmente um produto projetado eternamente, a partir de uma lógica de “cima para baixo”, por exemplo, seria tão eficaz para os problemas dos feirantes, quanto os produtos e soluções que eles mesmos realizam e fabricam na feira. São equilíbrios compensatórios sutis (DE CERTEAU, 2014), que corresponde idealmente a cada espaço, produto e feirante, ainda que não se elimine as limitações financeiras ou de recursos propriamente ditos.

Quando as decisões e diretrizes são impostas de cima para baixo, podem não considerar completamente as condições e desafios, levando a planos e soluções que não são viáveis ou que não funcionam bem na prática. Sendo assim, percebe-se nos estudos a respeito de tecnologias, que estas não podem ser pensadas de forma separada do contexto em que se inserem e dos atores envolvidos em sua produção, dessa forma elucidando a importância do prisma social.

Situando-a ao contexto das inovações científicas e técnicas, o enfoque cultural nessa área começa quando o homem ordinário se torna o narrador. Por esta perspectiva, pode-se salientar ainda que, a

periferia e especificamente os espaços do fazer, como as feiras, se utilizam o tempo inteiro dessas mediações e artesanias, como uma forma de auto-organização para solucionar seus problemas cotidianos. Como exemplifica Silva (2023):

[...] muito do que se refere a essa categoria é maleável, adaptável às circunstâncias. Isso porque as atividades a serem realizadas variam não apenas ao longo dos dias e horários da semana, como também de feirante para feirante, já que cada um deles possui um jeito particular de trabalhar e desenvolver uma mesma tarefa. Além disso, é o tipo de produto comercializado que termina determinando toda a sua jornada de trabalho, bem como os instrumentos que são por eles utilizados, sendo possível encontrar tanto utensílios de uso tradicional e doméstico, como facas, tesouras e copos dosadores, quanto balanças digitais, tidas como as mais modernas e precisas. (SILVA, 2023).

A autora salienta também que comumente todas as atribuições relacionadas ao comércio de produtos e aos estabelecimentos são realizadas por eles mesmos, aqueles que dividem e trabalham na mesma banca, quase sempre membros do mesmo grupo familiar. Compreendendo também que a demora de resolução por parte do estado faz com que seja preciso “se virar”, e muitas vezes fazer, literalmente, a feira. Pois, embora as pessoas construam suas vidas de forma individualizada, é na proximidade e na convivência cotidiana que se estabelece um espaço compartilhado. A convivência e o compartilhamento coletivo é o ponto principal para essas misturas de ensinamentos que permitem que surjam novas tecnologias sociais.

Atenta-se então que a questão da hibridação entre o moderno e o tradicional vai muito além dos tipos de instrumentos de trabalho utilizados na feira, é também no sentido de que é preciso inovar, se adequar às necessidades. Essas práticas de desenvolver tecnologias para permanecer, no contexto dos feirantes, oferece uma rica reflexão sobre como saberes populares, astúcia e inovação podem se integrar em um processo contínuo de adaptação e sobrevivência.

A partir dessa perspectiva, é possível analisar como essas tecnologias próprias não só contribuem para a continuidade de seus ofícios, como também promovem uma manifestação de criatividade culturalmente ancorada, desempenhando não apenas atividades comerciais próprias do seu trabalho, mas também assegurando vida e sentido ao espaço da feira.

O constante desenvolvimento e transformação dos espaços públicos, particularmente aqueles que abrigam feiras populares, é influenciado por uma série de fatores, entre os quais se destacam as mudanças nas condições econômicas, sociais e culturais, contando principalmente com a participação ativa da comunidade nesses processos. A busca por compreender o impacto dessas tecnologias nas feiras populares torna-se essencial para garantir que esses espaços se desenvolvam de forma inclusiva.

4 Considerações Finais

O design, como campo de estudo, tem se destacado na análise de resoluções que emergem nas práticas cotidianas das sociedades, especialmente ao considerar as interações entre o ambiente físico e as dinâmicas sociais. Diante desse cenário, acredita-se que enfrentaremos muito em breve alguns problemas se o design não tiver como meta de longo prazo se aliar aos modos de vida e construir histórias significativas ao imaginário social. Assimila-se então que o implícito e seus pressupostos percebidos pelo design, associados à realidade, são vitais para gerar espaços, imagens e narrativas - a partir de uma iniciativa ativista - e reflexões em torno das tecnologias.

Estudar a feira, de modo a procurar compreender os aspectos do local a partir da visão de quem a utiliza, participa e constrói o espaço e os modos de apropriação do mesmo, é o que possibilita uma melhor aproximação das questões e tensões vividas no território, a relevância do local e das atividades, assim como as dificuldades encontradas. As ações propostas pela pesquisa buscam não só valorizar os debates, o pensar e agir coletivamente, mas principalmente valorizar a geração de ações mais condizentes com a realidade.

Investigar o funcionamento e comportamento da sociedade contribui para que designers possam agir como facilitadores em debates e assuntos que são importantes ao coletivo. Reitera-se a importância de valorizar as identidades coletivas, nosso modo de vida e de nos comunicar, através do contexto que nos cerca. Entendendo-se a necessidade de interpretar o presente, para que seja possível abrir caminhos que sirvam não só para admiração das possibilidades, mas também para sua efetiva compreensão.

Este estudo se apresenta como uma contribuição positiva para o campo do design social ao demonstrar como soluções tecnológicas emergem de contextos populares não apenas como estratégias de sobrevivência, mas como formas legítimas de inovação cultural e técnica. Além disso, evidencia a importância de abordagens metodológicas situadas, que considerem o saber cotidiano como fonte de conhecimento e ação transformadora.

5 Referências

ALVES, Nilda. Questões epistemológicas do 'uso' cotidiano das tecnologias. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM. 4., 2004, Porto Alegre, RS. **Anais eletrônicos do XXVII Congresso Brasileiro da Comunicação**. Porto Alegre, RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004, não paginado. Disponível em: . Acesso em: 14 out. 2024.

BOUFLEUR, Rodrigo. **A questão da gambiarra: formas alternativas de produzir artefatos e suas relações com o Design de Produtos**. Dissertação de mestrado em Design e Arquitetura. FAU-USP: São Paulo, 2006.

BRITO, T. M. A. DE. **A metamorfose do conceito de região: leituras de Milton Santos**. GEOgraphia, v. 10, n. 20, p. 74-105, 30 jun. 2010.

CAMPELO, Álvaro. **Espaço, construção do mundo e suas representações**. In: BETTENCOURT, Ana M. S.; ALVES, Lara B. Dos montes, das pedras e das águas: Formas de interação com o espaço natural da pré-história à atualidade. Braga: Universidade do Minho, 2010. p. 191-206. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/379239606_Espaco_construcao_do_mundo_e_suas_representacoes_Space_world_construction_and_its_representations. Acesso em: 20 fev. 2025.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias Para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: Edusp, 2013

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Brasil: Vozes, 2014.

ESCOBAR, Arturo. Bem-vindos à Cyberia:: Notas para uma antropologia da cibercultura. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (org.). **Políticas Etnográficas no Campo da Cibercultura**. Brasília: ABA Publicações, 2016. cap. 1, p. 21-66. Disponível em: https://www.portal.abant.org.br/publicacoes2/livros/Pol%C3%ADticas_Etnogr%C3%A1ficas_no_Campo_da_Cibercultura.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONÇALVES, Thiago da Silva. **A importância da Ceilândia para o turismo cultural**. Orientador: Luiz Carlos Spiller Pena. 2018. Monografia (Graduação em Turismo) - Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2018. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/196903365.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2025.

LATOUR, Bruno. **Investigação sobre os modos de existência: Uma antropologia dos modernos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

LEMOS, André. **Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 9. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LUCAS, Thiago P. dos Santos. **Ceilândia: A cidade como espaço de comunicação**. Orientadora: Cláudia Busato. 2007. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstr>

MADEIRA, Angélica. **A cidade e suas feiras: um estudo sobre as feiras permanentes de Brasília**. Brasília, DF: IPHAN / 15ª Superintendência Regional, 2007.

MANZINI, Ezio. Design. **Quando todos fazem design: Uma introdução ao design para a inovação social**. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PALMIERI, Marilicia W. A.; BRANCO, Angela U. **Cooperação, Competição e Individualismo em uma Perspectiva Sócio-cultural Construtivista**. PSICOLOGIA: Reflexão e Crítica, v. 17, p. 189-198, 2004.

PELLEGRINO, C.T. 2002 **Patrimônio Cultural Urbano: de quem: Para Quê?** Congresso Internacional De Turismo Cultural [org.] NAYA (Notícias de Antropologia e Arqueologia), 2002.

RAMOS, Aline. **O que podemos aprender com a Feira?: Experimentos e percursos de encontro entre a coisa-espaco, a coisa-feira, a coisa-corpo e a coisa-dissertação**. Orientadora: Juliana Michaello Dias. 2024. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, 2024.

RANCIERE, Jacques. **A partilha do sensível: Estética e Política**. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção**. 3ª Edição. São Paulo: Edusp, 2003.

SARLO, Beatriz. **La imaginación técnica: sueños modernos de la cultura argentina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1992.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SILVA, Susana Rolim Soares. **Experiências, memórias e performances: a construção cotidiana do “ser feirante” na feira central de Campina Grande-PB**. Orientador: Profª. Dra. Elizabeth Christina Lima. 2023. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - UFCG, Campina Grande, 2023. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/30753>. Acesso em: 20 fev. 2025.

VELHO, Gilberto. **Antropologia Urbana: encontro de tradições e novas perspectivas**. Sociologia, problemas e práticas, n. 59, p. 11-18, 2009. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/886/4/Sociologia59cap1.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.